

**Título** - "Estratégias de desenvolvimento local face ao abandono populacional – que desafios e que futuros para Penedos (Mértola)?"

**Autores:**

PEREIRA, Orlando Manuel Fonseca

Doutorando em Sociologia, Universidade de Évora, IIFA/CESNova-UNL;  
[orlando\\_pereira@sapo.pt](mailto:orlando_pereira@sapo.pt)

MARQUES, António Pedro Sousa

Doutor em Sociologia, Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais,  
Dept. de Sociologia / CESNova – UNL;  
[apsmarques@uevora.pt](mailto:apsmarques@uevora.pt)

**Palavras-chave:** Abandono Populacional; Identidade, Memória; Desenvolvimento Local; Estratégias de atores.

**Resumo:** O trabalho em presença, estuda os problemas da interioridade e abandono populacional, designadamente na aldeia de Penedos, com 125 habitantes que se situa na margem direita do rio Guadiana, freguesia de S. Miguel do Pinheiro e concelho de Mértola, no Baixo Alentejo, integrando-se num dos territórios mais despovoados e envelhecidos do País,

O Alentejo é uma das regiões do País que mais sofre as consequências do duplo envelhecimento populacional, isto é, os jovens e os idosos constituem grupos populacionais, superior à população ativa, cujos efeitos são catastróficos. Tal facto, ainda se agudiza mais em épocas de crise como a que se vive atualmente. Assim, grassa o desemprego, degrada-se a economia das famílias, diminui a qualidade de vida das populações, sobretudo idosos, escasseando os serviços de proximidade e outros, tão necessários a aumentar o ânimo e a esperança das populações envelhecidas do interior.

Face ao exposto, a aldeia de Penedos não é imune, de forma a evitar que o abandono populacional possa preterir a identidade e a memória de uma comunidade rural, serão trabalhados alguns desafios estratégicos de desenvolvimento local, através da participação ativa dos atores locais, passando pelo aproveitamento de todas as potencialidades existentes e introdução de outras, que possam apresentar um futuro mais próspero, capaz de garantir a sustentabilidade do território.

Metodologicamente a concretização do presente estudo partirá de uma sociologia de intervenção/ação, assumindo lugar de destaque a estratégia de atores, com entrevistas e cuja análise de dados será assegurada pelo programa informático MACTOR de Michel Godet.

ABSTRACT: This case study try to develop and answer to the problem of interiority and the abandonment of local population, particularly in village of Penedos (125 inhabitants), located on the banks of the Guadiana river, in S. Miguel do Pinheiro parish, Mértola in baixo Alentejo. This region is one of the most depopulated and ageing population in Portugal.

In another words, Alentejo is affected by ageing population in two different age groups (the young and the elderly population), being them higher in number than the working population. Obviously, the effects are catastrophic and the consequences are even worst during crisis like the one we're experiencing nowadays. The effects are dramatically increasing the unemployment, worsening the local and family economy, diminishing the quality of life, scarsing the local public services, affecting and decreasing the hope and courage in elderly people group.

From the above, Penedos village is also affected and, with the aim to prevent the abandonment of population and avoid the degradation of the identity and memory of the rural community, some strategic challenges for local development will be implemented through active participation of local actors, through utilization of the existing potential and introduction of other strategies who may have a more hopefully future, able to ensure the sustainability of the territory.

Methodologically the completion of this study will take a sociologic intervention/ interaction, assuming the strategy of actors a big importance, complemented interviews being the data analysis provided by the computer program MACTOR Michel Godet.

## **1. Breve apresentação e enquadramento teórico: objetivos, abandono populacional, desenvolvimento local e sociologia da ação**

### **1.1. Objetivos**

Os objetivos gerais vão “*descrever as grandes orientações para as ações e são coerentes com a finalidade do projeto, descrevendo as grandes linhas do trabalho*” (Guerra, 2006,citado em Pereira & Marques, 2012:6).

Os objetivos não serão uma propriedade do investigador, eles deverão ser discutidos partilhados e enriquecidos pelos atores sociais, pois eles conduzem à estratégia, isto é, às grandes linhas de orientação do projeto para intervir em Penedos. Contudo, eles devem ser precedidos de *“um bom diagnóstico que é garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto de intervenção” (...)* Seguidamente tem lugar a elaboração de programas e projetos e a preparação da execução” (Ibidem:6).

O problema em estudo versa sobre o despovoamento do interior e do Alentejo em particular que, transversalmente, encetou um processo de abandono territorial há mais de cinquenta anos.

A partir da memória e da identidade, será proposto um modelo de desenvolvimento alternativo para os territórios de baixa densidade. Deste modo os objetivos gerais visam:

Estudar o problema do abandono do interior através da identidade e memória de uma aldeia alentejana.

Propor um modelo de desenvolvimento local alternativo e participativo, a partir da memória e identidade de uma comunidade rural.

Destes, decorrem os objetivos específicos *“que exprimem os resultados que se espera atingir e que detalham os objetivos gerais, funcionando com a sua operacionalização”*. (Guerra, citado em Pereira & Marques,:6). Assim, pretende-se:

Contextualizar e caracterizar a ruralidade, bem como o problema do abandono do interior, a partir da identidade e memória de uma aldeia alentejana.

Estudar os aspetos sócio demográficos, económicos, culturais, políticos religiosos, bem como as com a propriedade.

Pretendemos apresentar uma proposta de um modelo de desenvolvimento local alternativo a partir da identidade e memória de uma aldeia alentejana, tendo em consideração as reflexões estratégicas dos atores locais territorializados.

Dentro dos objetivos específicos, reporta-se a estratégia de atores, cujos contributos são fundamentais para a reflexão do modelo de desenvolvimento local alternativo, que em traços gerais e de acordo com Margarida Perestrelo (2000, citado em Pereira & Marques:ibidem:6) visam:

- Identificar e caracterizar os diferentes atores chave (como se explicita acima);

- Perceber quais os conflitos e alianças possíveis entre os diferentes atores e de que modo podem orientar a evolução do sistema;

Contribuir para uma maior participação/implicação e reflexão estratégica por parte dos diferentes atores;

- Confrontar os projetos em presença e avaliar as relações de força existentes; Elaborar uma série de recomendações estratégicas e especificar as condições de viabilidade da sua implementação”.

Será a partir deste exercício que ficaremos a conhecer os futuros possíveis para a aldeia de Penedos.

## 1.2. Abandono populacional

O trabalho de investigação tem como objeto de estudo as questões de abandono populacional associado à identidade e da memória de uma aldeia alentejana, enquanto território de partilha de uma comunidade rural, tendo sempre em conta a participação estratégica dos atores locais

Um dos objetivos centrais deste trabalho visa encontrar reflexões contributivas capazes preservar a identidade da aldeia e ao mesmo tempo encontrar conjuntamente com os atores locais territorializados, alternativas de desenvolvimento local, capazes de contrariar a tendência de despovoamento e empobrecimento destes territórios de muito baixa densidade.

O Alentejo viu partir as suas gentes nos meados do século passado e, desde de então, a sangria populacional tornou-se imparável. O desenvolvimento industrial noutras zonas do País e a crise vivida na agricultura incentivaram o êxodo. Assim, o Alentejo “*é a região com menor percentagem de jovens e a maior percentagem de idosos. Devido ao declínio da fecundidade, a evolução natural continuará a acentuar as mesmas características de 1980*”. (Nazarareth, 1988:126).

As últimas décadas mostram “*o progressivo despovoamento do mundo rural que levou ao abandono de lugares onde antes fermentou vida, conduziu ao desaparecer da parte essencial da memória da identidade Portuguesa. Os nossos dias viram morrer povoados que perduravam há séculos, assistiram ao arrastar de populações para a periferia suburbana, onde o sentimento de vizinhança e as suas solidariedades próprias se diluem, olharam, quase indiferentes o vazio do anonimato e do ermamento, (...). O caminho do desenvolvimento que revivifique essa parcela dormente do nosso país é um itinerário longo que partindo do conhecimento das causas e circunstâncias, desenvolva a estrutura microempresarial, ative os serviços*

*de proximidade, cuide dos patrimónios construídos e ambientais” (Carminda Cavaco citada em Correia, 2005:11).*

A par deste abandono rural populacional, há consequências irreparáveis que importa reter. Pois se as pessoas desaparecem, desaparecendo consigo um manancial histórico de vivências geracionais que não se encontram fora do grupo de pertença. Deste modo, e de acordo com Inês Fonseca há um registo que não se deve deixar de considerar. Na sua obra sobre identidade e memória de Aljustrel (2005:11). Refere-se *“De maneira plástica a identidade torna-se identificação, já não um estado, mas um processo, em que os atos de memória assentam numa maturidade de coisas e de locais conjugada com uma evanescência que ganhe perenidade pelas vias da linha do parentesco, da vizinhança, da amizade e da camaradagem. Se determinado acontecimento é recordado porque inserido na teia chegada das redes de vizinhos – e atentemos ao carácter de vizinhança no sul que, como mostrou José Cutileiro no caso da Vila Velha, é claramente delimitado pela classe social de pertença, não reenviando para uma proximidade geográfica”.*

É fácil de perceber que a identidade e memória duram e perduram enquanto as pessoas coabitarem os espaços que construíram. Contrariamente, perde-se a identidade. Veja-se o caso da aldeia de Vilarinho da Furna que Jorge Dias estudou de uma forma efusivamente antropológica e etnográfica, (diríams etnossociológica), restando apenas alguns fragmentos de memórias dispersas pela serra do Gerês, que dificilmente perdurarão no tempo se os registos não se apressarem a uma efetiva radiografia virtual.

Se atendermos ao que se evidencia em J.M. Nazareth, decorre de um estudo empreendido há 24 anos, vem provar que a perda da população continua em marcha em direção aos centros urbanos do litoral, *“resultante da convergência da industrialização e do desenvolvimento dos serviços, nas áreas de povoamento concentrado verifica-se um esvaziamento dos aglomerados sempre que não se observe a instalação de unidades industriais, ou mudança significativa na oferta de serviços.”* (Nazareth. Ibidem: 121).

De uma forma geral, o quadro do Portugal rural nas últimas décadas, *“ desde meados do séc. XX, os campos do País entraram num processo de mudança traduzível... numa perda demográfica, retração do uso dos solos e desenvolvimento da atividade turística. Por outro lado, por volta de 1960 as freguesias rurais de Portugal entraram num processo progressivo de perda demográfica que inverteu a tendência de crescimento contínuo que se vinha verificando desde os finais do Antigo*

*Regime. Este decréscimo populacional deveu-se aos movimentos migratórios em direção as áreas mais industrializadas de Portugal, da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte e à conseqüente emergência da diminuição da taxa de crescimento demográfico negativa em que o número de óbitos é superior aos nascimentos. (Silva, 2008, Lisboa: 6-7).*

Cutileiro, na sua obra *Ricos e Pobres no Alentejo, 1977*, (trabalho de investigação desenvolvido em Monsaraz, Vila Velha, como lhe chama), constatou claramente o declínio, *“em anos recentes (anos sessenta) a crescente industrialização dentro e na cintura industrial de Lisboa, assim como a necessidade de mão-de-obra barata em certos países da Europa Ocidental, atraíram grande número de trabalhadores rurais, até então mal pagos, o que se traduz num progressivo despovoamento”* (Cutileiro:11).

A situação agudizou-se ainda mais quando Cutileiro visitou o lugar em 1975 e 1976, para atualizar o trabalho e observou que *“ mais famílias saíram para Lisboa e para a França. Mais trabalhadores deixaram o campo e foram para a fábrica. As jornas agrícolas subiram, mas os salários das fábricas subiram proporcionalmente mais. Os jovens, acabada a tropa que os desinseria da sociedade local tradicional, se não conseguiam emprego na fábrica (local), procuravam Lisboa e a sua cintura industrial. Trabalhar no campo continuava, para eles a ser a menos atraente e o mais baixo dos misteres* (Ibidem:405).

Lamentavelmente, volvidos estes anos, este quadro corresponde à realidade vivida no Alentejo, quer se trate dos espaços urbanos na sua larga maioria, quer espaços rurais, votados à sua sorte e abandono. E é precisamente esta tendência que nós gostaríamos de contrariar.

### **1.3. Desenvolvimento local**

O Desenvolvimento *“pode ser encarado como um processo de natureza multidimensional, tendo o ser humano como preocupação central. Nele inscreve questões como a melhoria generalizada das condições de vida material das populações, de acesso aos meios que garantam o seu bem-estar (habitação, saúde, educação, segurança social, etc.), o progresso da igualdade de oportunidades, liberdades cívicas e políticas, a proteção do ambiente...”* (Almeida et al, 1994, citado em Pereira Orlando, 2001).

O modelo de desenvolvimento *“ensaiado para os territórios de baixa densidade, em alternativa aos modelos tradicionais, assenta no paradigma*

*territorialista em "que o desenvolvimento se alcança através da mobilização integral dos recursos das diferentes regiões para a satisfação prioritária das necessidades das respetivas populações" (Henriques, 1990: 51, citado em Pereira & Marques, 2012:5) Este "paradigma radica numa base de decisão a partir das comunidades locais, cujo processo ocorre "de baixo para cima", levando á promoção dos circuitos económicos e sociais geradores de desenvolvimento de nível local. A partir das potencialidades endógenas, feito por e para indivíduos que compõem a comunidade em estudo, organizadas territorialmente, em sintonia com os aspetos sociais, económicos, culturais e políticos existentes nesse território"(Pereira & Marques), ibidem).*

Torna-se pertinente nesta fase e modelo de Desenvolvimento local exige que se "identifiquem as potencialidades e os constrangimentos. Por outro lado, a procura de consensos entre atores é tarefa primordial para a elaboração e concretização e êxito das políticas locais" (Marques: 2006:121) Para o sucesso do modelo "o consenso deve ser uma condição essencial entre atores e instituições" (Arocena, 1986:51).

Um outro aspeto, que importa salientar - " o desenvolvimento local não pode ser pensado se não se inscrever numa racionalidade globalizante dos mercados e também não será viável se não inscrever no processo as raízes identitárias do ser humano. É neste sentido que o desenvolvimento local se constitui como um desafio contemporâneo". (Arocena,1997:12). Neste sentido e ainda seguindo a linha de raciocínio do autor "não será possível empreender processos de desenvolvimento local que não considerem a identidade como elemento mobilizador das iniciativas de um grupo. (Arocena:2002:11).

Contudo, um processo de desenvolvimento local obrigam ao impulsionar a sociedade local " para em conjunto com a diversidade dos atores institucionais que a integram, tomar posições em conjunto, traçar estratégias que fortaleçam a sua capacidade na solução dos problemas. (...). Implicando ações que possam fortalecer a capacidade das instituições e organizações locais por meio de programas de formação de líderes, criar condições apropriadas para a articulação entre atores ao nível regional e local, apoiar os atores sociais coletivos ao nível local, através de recursos técnicos e tecnológicos, a fim de que possam interagir no meio, garantindo a sustentabilidade e incentivar alianças locais sob um leque de oportunidades de iniciativas de desenvolvimento em que os recursos sejam disponibilizados e orientados para melhorar os serviços básicos, infraestruturas, geração de novas oportunidades de produção e educação voltada para o desenvolvimento da cidadania. (Tenório:2004, citado em Pereira & Marques,ibidem:5).

Depreende-se do que acima se evidencia, se as comunidade locais participarem ativamente nos seus próprios processos de desenvolvimento, será mais fácil garantir melhores condições de vida e sustentabilidade para as populações que ainda habitam nestes territórios despovoados.

Os métodos de atuação prática, de terreno, e de ação aprofundados e desenvolvidos pela sociologia de ação, exigem grande conhecimento da realidade que estamos a investigar, ou seja eles obrigam a mergulhar na génese e evolução dos acontecimentos, de uma forma intensiva, possibilitando-nos valorizar o *saber fazer* das gentes como garante da evolução do desenvolvimento das comunidades territoriais que constituem.

A partir daqui torna-se pertinente referir que o desenvolvimento local está intrinsecamente ligado à estratégia de atores que por sua vez se articula com a sociologia de ação que *“é uma sociologia de terreno, profundamente curiosa face ao diferente, minuciosa e assaz descritiva. Ao longo de todo o século XIX, o método de trabalho de campo vai-se elaborando e complexificando, sobretudo para responder às críticas de estadas curtas sobre os terrenos de observação que permitem apenas informações superficiais e ao facto daquelas se basearam em informações indiretas e duvidosas”*(Guerra:2006:11).

Em conformidade com Isabel Guerra, (Ibidem:53-54), *“a sociologia de ação, em traços gerais assume as seguintes características: É um processo continuado e não pontual, influenciando todo o processo de investigação; Implica que os grupos “objetos” do conhecimento se constituem como “sujeitos” do conhecimento; O seu ponto de partida não é uma teoria e um quadro de hipótese, mas uma situação, um problema, uma prática real e concreta; O objetivo não é fundamentalmente o aumento do conhecimento sobre a realidade, mas a resolução de problemas, e, assim interessa mais o processo de mudança social exigido pela investigação-ação do que o resultado desta; o investigador não é um mero observador, mas um apoiante dos sujeitos implicados na ação”*. (Ibidem:53-54). Ou seja, depreende-se desta leitura, a interação necessária entre o investigador e os atores locais.

## **2. Metodologias de intervenção para territórios de baixa densidade**

Neste trabalho de investigação, que se insere no âmbito da Sociologia da Ação, haverá uma profunda interação entre atores e investigador de modo a encontrarem soluções para os problemas já identificados.



Hoje, assiste-se, “a uma profunda alteração quer do campo de atuação, quer das metodologias de pesquisa-ação, sendo precursor desses movimentos, já na década de setenta, o desenvolvimento da “intervenção sociológica, sobretudo ao nível das empresas e organizações, exemplar em Alain Tourraine e Michel Crozier” (Ibidem:17). A sociologia de ação, pode ser definida como “um processo no qual os investigadores e os atores conjuntamente investigam sistematicamente um dado e põem questões com vista a solucionar um problema imediato vivido pelos atores e a enriquecer o saber cognitivo, o saber-fazer, num quadro ético mutuamente aceite” (Extrato de Alcides Monteiro 1988, citado em Guerra, Ibidem:52-53)

O presente estudo incide sobre análises das dinâmicas de ação que se “baseiam em metodologias qualitativas, na medida em que o centro da atenção pretende identificar a lógica de atuação de atores, individuais e coletivos, as suas imagens mútuas, os seus conflitos e meios de ação. Estamos perante conceitos como identidades (sociais, locais, regionais); projetos (de vida, de desenvolvimento, de ação); conflitos, consensos, etc., que exigem um entendimento simultaneamente dos contextos e dos sentidos de ação” (Guerra, 2006:49).

Seguiremos o paradigma qualitativo (descritivo/interpretativo), com recurso à quantificação no que concerne à informação sobretudo fornecida pelos atores chave, através de e uma análise de um programa informático designado por MACTOR, de Michael Godet, cuja aplicabilidade será fundamental na determinação da estratégia de atores e respetivas relações de forças com o território e o que a ele diz respeito.

Estamos perante o paradigma qualitativo (descritivo/interpretativo), com recurso à quantificação no que concerne à informação fornecida pelos interlocutores-chave, através de e uma análise estatística (simples) designada por MACTOR, de Michael Godet, a desenvolver na parte do tratamento dos dados.

Quanto à instrumentação de recolha de dados: O Investigador na comunidade e o seu papel no terreno. Métodos e técnicas de recolha de dados: - Método Etnográfico/Histórias de vida; Observação/Observação participante e Inquérito Etnográfico. Quanto aos métodos e técnicas de análise de dados: recorreremos à Análise qualitativa, Interpretativa e Análise de conteúdo que é “é um método que segundo Bardin (1988) e Ghiglione & Matalon (1992), permite fazer inferências a partir de uma identificação sistemática e objetiva das características específicas de uma determinada mensagem ou discurso” (Pereira, 2001:57, citado em Pereira & Marques, 2012:9).

Para além destes recursos metodológicos, recorreremos a outros, não menos importantes neste estudo etnográfico. Serão os documentos bibliográficos e filmatográficos fotográficos, arquivos, registos e recenseamentos.

Estes métodos, também são chamados de trabalho de campo, *“quando bem sucedidos fornecem informação muito mais rica sobre a vida social do que a maioria de outros métodos de investigação. Dá ao investigador maior flexibilidade, este consegue adaptar-se a circunstâncias invulgares e seguir pistas que forem surgindo no processo da própria investigação. Também tem as suas limitações: só se podem estudar grupos ou pequenas comunidades, e a habilidade do investigador em ganhar a confiança da pessoas é fundamental, sem ela a investigação provavelmente nem sequer se inicia”*.(Giddens,2002:642).

Quanto ao tratamento da informação resultante da estratégia de atores, isto é, após a aplicação das entrevistas, recorreremos ao programa estatístico MACTOR, *“cujos objetivos subjacentes a este método, prendem-se com a análise das motivações, dos meios de ação dos atores, assim como procurar compreender as suas estratégias e relações de força, pelo que a metodologia a seguir no trabalho integrará as seguintes fase: identificação dos projetos e motivações de cada ator, constrangimentos e meios de ação; proceder à identificação dos desafios estratégicos e objetivos associados; posicionamento dos meios de ação e os obstáculos à concretização dos objetivos pelos diversos atores; posicionar cada ator em cada objetivo procedendo à identificação das convergências e divergências- matriz das posições simples; recensear e valorizar as táticas possíveis em função das hierarquias dos objetivos – matriz das posições valorizadas; a partir daqui procede-se à introdução dos dados iniciados pelo jogo de atores e seu tratamento informático- interpretação dos outputs do MACTOR”*( Marques, 2006:216-219).

Neste estudo haverá uma participação efetiva dos atores locais espera-se a apresentação de propostas alternativas de desenvolvimento local que permitam às pessoas continuar no território, através da sua identidade e memória. Sendo expectável realizar um filme e criar um museu, para além da valorização de tradições, de artes, de produtos locais e de outros elementos do saber -fazer a serem trabalhados junto dos atores locais que protagonizarão o processo de investigação-ação, com vista a atrair pessoas, criar riqueza e bem-estar e assim assegurar a sustentabilidade da aldeia.

### **3. Resultados esperados: Que desafios e futuros para Penedos (Mértola)**

---

Procura-se uma ampla participação dos atores locais, para que em conjunto possamos apresentar algumas reflexões e propostas portadoras de futuros possíveis de desenvolvimento territorial/local que possibilitem a continuidade das pessoas na sua terra, através da sua identidade e memória.

Pretende-se perspetivando o território a partir das suas potencialidades do ser e do saber fazer - cultura e tradições, artes, produtos locais, paisagem, natureza, recursos e património, entre outros elementos, com vista a projetar o território nos circuitos da glocalização de modo a atrair pessoas e consequentemente, criar riqueza que garanta sustentabilidade desta aldeia alentejana.

Esta será *“uma pesquisa identitária aberta ao futuro que permitirá colocar em causa as representações do desenvolvimento e a propor soluções alternativas ” (Arocena, 1986:105). Deste modo: “os atores sociais são assim posicionados no sistema de ação local, podendo agir não só sobre as representações; como tendo a capacidade de poderem contribuir para a mudança da racionalidade do sistema. O ator social que esteja empenhado numa ação para o desenvolvimento, tende a modificar a sua posição no sistema local devido à renovação operada na sua capacidade de ação sobre a sociedade e sobre as novas relações no sistema local” (Marques, 2006:213-214)*

A componente metodológica exposta atrás, terá uma incidência particular nos atores - chave. Sendo necessário ter *“uma visão global para a ação local, devendo cada um, ao seu nível, poder compreender o sentido das suas ações, isto é, ressitualo no projeto global em que se insere. A mobilização da inteligência é tanto mais eficaz quanto se inscreve no quadro de um projeto explícito e conhecido de todos. (Godet, 1993, citado em Pereira & Marques, 2012:8).*

Face ao exposto, torna-se imprescindível *“interrogar os atores sobre a sua visão de futuro é sempre revelador do seu comportamento estratégico e, mesmo que essa visão nos pareça errónea, há que tê-la em conta. Porque a representação da gama de futuros possíveis também depende da leitura do passado. De certa forma, o passado é tão múltiplo e incerto como o futuro. A história nunca é definitiva, está sempre em reconstrução. O facto é um só, mas a sua leitura é múltipla. Donde, a importância de abrir a imaginação a outras representações, tanto do passado, como do futuro” (Ibidem:8).*

Se se pretende apresentar uma proposta de um modelo de desenvolvimento local alternativo a partir da identidade e memória de uma aldeia alentejana, tendo em consideração as reflexões estratégicas dos atores locais territorializados e assim

responder à questão em título nesta comunicação - *que desafios e que futuros para Penedos (Mértola)?*"

As repostas só poderão ser encontradas a partir das perspetivas dos atores locais que se discriminam na tabela 1 abaixo, bem como os grupos de variáveis internas: sócio demográfico-económicas, físico-morfológicas e naturais, planeamento urbanístico e estratégico, bem estar, histórico-culturais, sistema de circulação e as variáveis externas: instrumentos políticos/financeiros, promocionais/marketing territoriais e externas: sócio demográfico-económicas, plasmadas na Entrevista em aplicação aos atores locais individuais e institucionais (Anexo), conducentes às respostas indicativas e reflexivas de um modelo promissor de futuro para a aldeia de Penedos.

Por fim , os futuros possíveis serão ditados pelos atores locais em simbiose profunda com os investigadores, não dependendo de nenhum modelo imposto, mas sim, da vontade de todos os protagonistas implicados neste processo de investigação. Porque o que está em causa, são as pessoas, as quais constituem maior riqueza que uma terra pode ter.

**Tabela I: Identificação dos atores locais**

Centro Popular dos Trabalhadores de Penedos	Presidente
Clube de Caçadores de Penedos	Presidente
Câmara Municipal de Mértola	Presidente
Junta de Freguesia de São Miguel do Pinheiro	Presidente
Agrupamento Escolar São Miguel do Pinheiro/Mértola	Diretora
Cooperativa Agrícola de Mértola	Presidente

Parque Natural do Vale do Guadiana	Diretor
ADPM- Associação de Defesa do Património de Mértola	Presidente
Individual (simbólico)	Antiga Professora Primária de Penedos – Senhora D. Maria do Carmo
Individual (simbólico)	Senhora D. Natércia Ramos
Individual (simbólico)	Senhor Jacinto Pereira

## BIBLIOGRAFIA

Arocena, J. (1986) *Le développement par l'initiative locale – les cas français*, Paris, Editions L`Harmattan

Arocena, José (1997) “Lo Global en la transición Contemporanea”, *In Cuadernos del CLAEH*, nº 78/79, 2ª SÉRIE, año 22, Montevideo: pp. 79/92

Arocena,, José (2002) *Desarrollo local:un desafio contemporâneo- “Cap.I Como definir desarrollo local?”* 2º ed., Uruguai, Taurus - Universidad Católica. pp. 4/13...

Barata, O. S. (1994) *Introdução as Ciências Sociais*, Primeiro volume, 8ª ed., Lisboa, Bertrand Editora

Bardin, L. (1979) *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70

Correia, E. P. (2005) *Éxodo Rural e Desertificação Humana. A morte de uma Freguesia do Alentejo Central: São Bento da Ana Loura*, Lisboa, Edições Colibri

Dias, J. (1961) *Ensaio Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar: - Centro de Estudos de Ciências Políticas e Sociais

Esteves, A. J., & Azevedo, J. (1998) *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Instituto sociológico

Fonseca, Inês (2007) *Trabalho, Identidade e Memórias em Aljustrel – “Levávamos a foice logo p´ra mina”*, 1 ed., Castro Verde, Editora 100 Luz

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992) *O Inquérito. Teoria e Prática*, Oeiras: Celta Editores

Giddens, A. (2002) *Sociologia*, 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Godet, Michel (1993) *Manual de Prospectiva Estratégica*, 1ª ed., Lisboa: Dom Quixote

Godet, M., & Durance, P. (2011) *A Prospectiva Estratégica para as Empresas e os Territórios*, E.U.A.: Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura

Guerra, I. C. (2006) *Fundamentos e Processo de Uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*, 2ª ed., Cascais, Editora Principia, Publicações Universitárias e Científica

Henriques, J. M. (1990) *Municípios e Desenvolvimento - Caminhos Possíveis*; Lisboa, Escher Publicações

Marques, A. P. S. (2006) *Actores, Estratégias e Desenvolvimento Local. Conflitos e Consensos no Município de Palmela no Limiar do Século XXI*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora (policopiado)

Moreira, C. D. (1994) *Planeamento e Estratégias de Investigação Social*, Lisboa, I.S.C.S.P

Nazareth, J. M. (1988) *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença

Pereira, O. (2001), *O Papel da Formação no Desenvolvimento Local/Municipal: O Caso Particular do Pólo do CEFA em Beja*, Coimbra: Carvalho & Simões

Pereira, Orlando & Marques A.P.S. (2012), *Reflexões estratégicas de Desenvolvimento local no contexto da preservação da identidade de Penedos (Mértola)*.VII Congresso Português de Sociologia, Porto, Junho de 2012)

Perestrelo, M. (2000) "Prospectiva: Planeamento Estratégico e Avaliação" in *Revista Territórios Alternativos* nº 2, Lisboa: INESLA

Perestrelo, M. (coord), Moura, D., & Amor, T. (2000) "Análise da Estratégia de actores na Zona Oeste. Intervenções, conflitos e consensos" in *Revista Territórios Alternativas*, nº 2, INESLA

Silva Luís (2008) "Contributos para o estudo da pós-ruralidade in *Arquivos da Memória, obras outro país – novos olhares, terrenos clássicos* nº4 (nova série), Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa

Tenório, F. G. (2004) "Cidadania e desenvolvimento local: casos brasileiros" in IX Congresso Internacional sobre la Reforma del Estado y la Administracion Pública, Madrid, 2-5 Novembro.

## **Anexo**

### **Entrevista (Guião):**

Pedia-lhe que especificasse a sua opinião ou da sua instituição acerca das seguintes questões:

1. O facto de Penedos ter uma população duplamente envelhecida (mais velhos e poucos jovens) contribuirá decisivamente para impedir o desenvolvimento do território? Porquê?
2. Que acha das políticas seguidas nas últimas décadas, quer pelo governo, quer pelo poder local face ao abandono territorial?

3. Comente esta frase “ só será possível empreender um verdadeiro processo de desenvolvimento, se se apostar nas potencialidades existentes ou em potência no território, contando sempre com as pessoas”.
4. Atualmente a população ativa de Penedos trabalha fora, porque não existe agricultura, comércio ou outros serviços capazes de reter as pessoas. Que acha que poderia ser feito para alterar este quadro.
5. É sabido que as terras que outrora tiveram uma ocupação plena, dando trabalho e produtos, hoje estão abandonadas, ou têm sido (algumas delas) aproveitadas para projetos de reflorestação ou para a atividade cinegética. Concorda com estas práticas. Porquê?
6. Os recursos e os saberes existentes no território poderiam contribuir para criar condições económicas capazes de atrair investidores e conseqüentemente pessoas? Em que medida?
7. Que setores de atividade poderiam proliferar no território, tendo em conta as potencialidades? Isto é, que tipo de empresas ou negócios?
8. Penedos está num nó de interseção entre o Alentejo e o Algarve, próximo do Guadiana e de Espanha, Andaluzia. Como se poderá tirar vantagens dessa situação geográfica.
9. Se houver uma aposta nos produtos locais no turismo, na cultura, na paisagem com recurso a fundos comunitários para a concretização de alguns projetos, acredita que esta aldeia pode atrair investidores e garantir a sua sustentabilidade no futuro?
10. Acha que o município de Mértola tem tido uma política ativa no combate ao despovoamento e promoção do desenvolvimento? Com que medidas?
11. Que papel tem a Junta de Freguesia em todo o processo de abandono da aldeia?

12. O Interior do país, o Alentejo e Penedos sofrem de um problema transversal, encetado há mais de 50 anos, criando sérios problemas quer para os campos, quer para as cidades. Como pensa que o Governo/Estado podia ajudar a resolver esta assimetria tão profunda e desgastante para o processo de desenvolvimento, sobretudo em territórios de baixa densidade, como é o nosso caso.
13. Uma vez que aldeia se situa na faixa piritosa ibérica, e tendo por base a descoberta recente de jazigas de cobre e volfrâmio, poderá ser uma fileira de futuro, ou vai entrar em contradição com a defesa da tese de modelos de desenvolvimento alternativo para as aldeias (ecológicas).
14. Concordaria com a instalação de algumas unidades industriais ecológicas? Que tipos e dimensões industriais acharia aceitável?
15. Pensa que a qualificação dos recursos humanos será um elemento primordial na promoção de um qualquer tipo de desenvolvimento?
16. Acha que se houver uma política de incentivos para territórios de baixa densidade, os investidores optam por este território, mesmo sabendo que não há mão de obra qualificada? O que pensa que poderia acontecer?
17. Sabe qual é o papel dos Planos Municipais de Ordenamento do território?
18. Uma vez que a agricultura aqui é praticamente inexistente, o modelo de desenvolvimento desejado para Penedos, deveria contar essencialmente com a especialização ou a diversificação. Porquê?
19. Os concelhos de Mértola e Alcoutim situam-se no Parque Natural do Vale do Guadiana, tal facto poderá contribuir para o alargamento da oferta das suas potencialidades?
20. O que pensa que poderá ser feito ao nível turístico neste território?
21. Quanto aos aspetos culturais - tradições orais, festas, ritos e outras formas de expressividade o que acha que deveria ser feito para preservar a memória e garantir a identidade da aldeia?



**22.** Recorda-se ou tem conhecimento da realização de um filme/documentário sobre Penedos, em 1969 sob condução de Fialho Gouveia, com patrocínio da RTP1, no âmbito de um Programa da então Junta de Colonização Interna.

Fale desse acontecimento, se o retrato era fiel, se correspondia á verdade. Sabe o que foi a Junta de Colonização Interna? Se conhecia as razões do projeto. Se havia interesses políticos? O que foi cumprido e o que não foi e as razões desse incumprimento. Quais as entidades e pessoas mais envolvidas e porquê. Se as propostas previstas tivessem chegado ao fim o que teria realmente acontecido a Penedos, 40 anos depois. Concorda com a realização de um livro e de novo documentário, com vista a sublinhar a memória e identidade de um povo, e até com um museu onde se guarde esse espólio? Acredita que estes poderão contribuir para promover a terra e reduzir o abandono das aldeias.

**23.** Em que medida as acessibilidades rodoviárias e aeroportuárias (dista a 75 km de Beja e Faro) podem melhorar o nível e qualidade de vida destas pessoas?

**24.** O encerramento de escolas, infantários, distribuição de correio, encerramento de extensão de Saúde, Centro de Saúde de Mértola só funcionando de dia, redução de dias semanais de carreiras para a sede de concelho (2 dias por semana fora do período de aulas), redução de efetivos da GNR e esvaziamento de todos os serviços públicos. Insuficientes serviços de apoio à terceira idade que compõe a maioria da população. Comente a situação exposta e que alternativas gostava que fossem implementadas.

**25.** Conhece instrumentos de planeamento estratégicos par a região do Alentejo que contemple os territórios pouco povoados e envelhecidos?

**26.** Em que medida os anteriores Quadros Comunitários e o atual QREN (Quadro de Referência estratégica Nacional) trouxeram benefícios para as aldeias do interior e Penedos em particular.

**27.** Como gostava que fosse Penedos no futuro, tendo em consideração que na sua qualidade de ator interveniente pode contribuir par alterar o *status quo* atual.

Guião de Entrevista a aplicar as instituições (adaptado de Margarida Perestrelo e José Maria Castro Caldas, Instrumentos de Análise para o Método dos Cenários, II-Estratégia de Atores, *In* DINÂMIA- Centro de Estudos sobre a mudança socioeconómica, Lisboa:2000, p.39), conforme adiante se apresenta.

Esta Pesquisa debruça-se sobre as reflexões estratégicas de desenvolvimento local no contexto da preservação da identidade de Penedos (Mértola). O problema em estudo versará sobre o despovoamento do interior do Alentejo em particular que transversalmente, encetou um processo de abandono territorial há mais de cinquenta anos. A partir da memória e da identidade, será proposto um modelo de desenvolvimento alternativo para os territórios de baixa densidade. Deste modo os objetivos gerais visam:

Estudar o problema do abandono do interior através da identidade e memória de uma aldeia alentejana.

Propor um modelo de desenvolvimento local alternativo e participativo, a partir da memória e identidade de uma comunidade rural.

Destes, decorrem os objetivos específicos que visam:

Contextualizar e caracterizar a ruralidade, bem como o problema do abandono do interior, a partir da identidade e memória de uma aldeia alentejana.

Estudar os aspetos sócio demográficos, económicos, culturais, políticos religiosos, bem como as relações com a propriedade.

Propor um modelo de desenvolvimento local alternativo a partir da identidade e memória de uma aldeia alentejana, tendo em consideração as reflexões estratégicas dos atores locais territorializados.

Dentro dos objetivos específicos, reporta-se a estratégia de atores, cujos contributos são a essência para aquilo que será este trabalho de investigação.

## **1. Objetivos da Instituição**

**1.1.** Quais são os objetivos da sua instituição para combater o abandono territorial e contribuir para um modelo de desenvolvimento local, tendo em conta a preservação da identidade de Penedos.

**1.2.** Identifique os seus objetivos face às seguintes variáveis – chave: abandono populacional, movimentos migratórios, agricultura, comércio, serviços públicos

(saúde, segurança, escolas, lares, infantários, transportes e acessibilidades correios e outros serviços essenciais). Preservação da identidade e memória, desenvolvimento económico, social e cultural, planeamento estratégico, papel de atores locais, instrumentos de política local e nacional e comunitária, empresarialização do mundo rural, produtos locais saberes e outros conhecimentos tradicionais. \*

1.3. A partir do ponto acima, hierarquize os seus objetivos estratégicos.

## 2. Meios de ação

Que meios de ação dispõe para a concretização dos seus objetivos?

## 3. Outros atores

3.1. De que outros atores depende a concretização dos seus objetivos e que importância lhes atribui?

3.2. Que espera deles?

## 4. Obstáculos

Que obstáculos pode encontrar na concretização dos seus objetivos?

## 5. Interesses e conflitos

Quais são os principais interesses e conflitos que se podem gerar em torno dos objetivos que pretende concretizar?

## 6. Outras questões que considere relevantes.

## 7. Caracterização da sua instituição do entrevistado

Nome:

Cargo:

Idade:

Sexo:

Habilitações literárias:

Profissão:

\* Objetivos propostos aos atores locais (inquiridos)

- 1- Estrutura da População residente.
- 2- População ativa afastada da agricultura, pastorícia, comércio e indústria.
- 3- Proliferação da grande propriedade (latifúndio).

- 4- Integração no Parque Natural do Vale do Guadiana.
- 5- Integração na Faixa Piritosa Ibérica
- 6- Novos setores de atividade.
- 7- Empreendedorismo e recuperação de potencialidades a integrar no processo de desenvolvimento local.
- 8- Unidades industriais ecológicas.
- 9- Existência de instrumentos de Planeamento.
- 10- Diminuição dos serviços prestados junto da população.
- 11- Abandono de tradições.
- 12- Fomentar traços culturais para garantir a sustentabilidade da identidade.
- 13- Interseção num nó de centralidade/Algarve/Andaluzia/Rio Guadiana/Aeroportos de Faro e Beja.
- 14- Instrumentos de política local, regional, nacional e comunitário.
- 15- Comunicação/Divulgação das potencialidade//Redes Sociais.
- 16- Efeito de retração da população.
- 17- Produtos locais materiais e imateriais como promotores da economia local.